

CRÔNICA DE SANTO DOMINGO

Victor Codina

Esta crônica não pretende ser uma fria sucessão cronológica de datas e informações, o dia-a-dia da IV Assembléia de Santo Domingo, no estilo dos boletins emitidos diariamente pelo CELAM. Deseja antes ser um testemunho, que busca, mais do que a sucessão diacrônica dos fatos, o percurso de alguns momentos e temas mais significativos. Não é um calendário da Assembléia, mas uma vivência da experiência eclesial de Santo Domingo.

É uma crônica vivida de fora da sala de reuniões e, inclusive, de fora da casa San Pablo, onde se celebrou a IV Assembléia.

Visitantes não-esperados

Chegando ao Aeroporto das Américas de Santo Domingo, no dia 9 de outubro, a primeira coisa que me chamou a atenção foi constatar que os nomes dos que fomos a Santo Domingo como assessores teológicos oficiais das Conferências Episcopais (da boliviana, no meu caso) não constavam na lista de visitantes aguardados pelo CELAM: éramos visitantes não-esperados (e, talvez, não-desejados). Somente constavam os bispos, os delegados, os peritos e os convidados, nomeados ou aprovados por Roma. Os assessores das Conferências Episcopais nunca tiveram acesso, nem à sala de reuniões, nem ao recinto de San Pablo, sempre protegido por soldados armados. Os assessores pessoais de alguns bispos também não puderam entrar.

Entre os peritos convidados havia leigos, como Enrique Iglesias, diretor do BID, teólogos do instituto secular Schönstatt, como J. Allende, do Opus Dei, como J. I. Saranyana, dos Legionários de Cristo, como J. García González, da Secretaria de Estado, como F. Javier Lozano, juntamente com outros de centros e universidades latino-americanas, como P. Bigó, Julio Terán, Francisco Merlos, L. Fernando Peixoto, Maria Rita Perillier, etc.

Na lista de nomes dos Superiores Gerais apareciam os dos Agostinianos (M. A. Orcasitas), Jesuítas (P. H. Kolvenbach), Salesianos (E. Vigano), Legionários de Cristo (M. Maciel Degollado), Filhas da Caridade (J. Elizondo), Trapistas (B. Olivera), Capuchinhos (F. Carraro)...; no entanto, os dos Dominicanos e Franciscanos, os primeiros evangelizadores da América Latina, e de tanta tradição na Igreja de Santo Domingo, ficaram de fora.

O Papa em Santo Domingo

No dia 9 de outubro, à tarde, o Papa chegou e foi recebido pelo presidente Balaguer e seu governo. O velho presidente, cego, dirigiu-lhe de memória um longo discurso, e o Papa ouviu-o com sinais visíveis de cansaço. A recepção papal foi um tanto fria, devido às medidas de segurança, que impediram o acesso do povo ao aeroporto.

A agenda papal, embora reduzida, foi intensa: eucaristia na catedral, com a participação de sacerdotes e religiosos, missa no Farol de Colombo, encontro com o corpo diplomático na Nunciatura, missa no santuário de Nossa Senhora de Altigracia, discurso solene de abertura da IV Assembléia Episcopal, encontros com índios e afro-americanos, e com bispos e fiéis do Haiti. E ainda sobrou-lhe tempo para visitar um hospital de crianças e dar a bênção a um seminário dos Neocatecumenais.

A mais conflitiva de todas as suas atividades foi a missa no Farol. Este monumento, verdadeira obra faraônica do governo Balaguer, teve um alto custo, tanto em termos econômicos (90 milhões de dólares) como sociais (despejo de milhares de famílias que viviam naquela região, construção de um "muro da vergonha" para proteger o monumento e "tornar decente" a cidade). O povo dominicano sentiu-se diante de uma encruzilhada: o amor ao papa e a denúncia de abusos injustos. Como sinal de protesto, não contra o papa, mas contra o governo, muitos fiéis não participaram da missa papal. Cartas abertas ao papa foram publicadas nos jornais, como a de Luis Oraa, no "El Siglo" do dia 3 de outubro, pedindo-lhe que clamasse forte em sua mensagem, a fim de que aqueles que estivessem do outro lado do muro pudessem ouvi-lo: "Brada-nos forte, mas, sobretudo, faz com que sintamos teu coração próximo dos mais pobres e oprimidos".

Nas demais mensagens e homilias do Papa, apareceu novamente sua preocupação constante com os pobres, com a defesa dos direitos humanos, com a solidariedade entre os povos. Pediu perdão aos índios e afro-americanos pelos abusos cometidos há 500 anos e exortou aos bispos da IV Assembléia para que o anúncio claro do evangelho de Jesus Cristo Salvador levasse à promoção humana, a uma opção irrevogável pelos pobres e à inculturação do Evangelho nas diversas culturas. Por outro lado, seus ensinamentos resumiam os grandes temas de seu pontificado, tal como foram aparecendo em suas encíclicas e do-

cumentos: *Redemptor hominis, Laborem exercens, Libertatis conscientiae, Libertatis nuntius, Redemptoris missio, Centesimus annus*. Podemos dizer que, se Puebla ainda estava sob o pontificado de Paulo VI, Santo Domingo reflete claramente as preocupações e o magistério do pontificado atual de João Paulo II.

Os hotéis dos bispos

Um dos aspectos mais chamativos foi o alojamento dos bispos e cardeais nos luxuosos hotéis turísticos da cidade. Era um espetáculo estranho, "surrealista", na expressão de uma professora brasileira, ver os bispos da América Latina em hotéis de cinco estrelas, entre turistas, artistas, empresários, executivos, gente do jet-set que ia ao cassino ou a desfiles de moda... Os pobres bispos pareciam perdidos no lobby do Hotel Lina, do Sheraton, do Santo Domingo, do Embajador, ou nas suítes do Hispaniola. Um bispo do Brasil, Dom José Azcona, de Marajó, pediu na Assembléia para deixar o hotel, pois considerava-o um escândalo. Pediram para ser hospedados em casas religiosas (como os participantes leigos e religiosos, que residiam na casa de retiros Manresa). Quando um grupo estava decidido a fazê-lo, surgiram dificuldades; por fim, os bispos continuaram em seus hotéis, protegidos pelos recepcionistas do CELAM e pela polícia dominicana, que os vigiava continuamente.

Circularam rumores de ameaça de seqüestro de algum bispo ou cardeal por parte do Sendero Luminoso. O certo é que os bispos se deslocavam pela cidade em grandes ônibus precedidos por motos ou viaturas policiais tocando sirene, e não podiam sair de seus hotéis sem avisar para onde iam. Os cardeais chegavam sempre em automóveis acompanhados por um ajudante de ordens militar.

Para além do pitoresco do conjunto, a dispersão dos bispos em diferentes hotéis dificultava a relação entre as diversas Conferências Episcopais, e a relação destas com seus assessores. Para contatar os bispos tínhamos de acudir à sua chegada ou saída de San Pablo, ou ir visitá-los em seus hotéis no intervalo do meio-dia, ou à noite. Os próprios bispos estavam submetidos a um ritmo vertiginoso e esgotante de assembléias, viagens, reuniões, comissões, novas viagens... Isto não deixava de influenciar em sua psicologia e estado de ânimo.

Um regulamento rígido

Após o discurso do Papa, do dia 12, a Assembléia iniciou a sessão no dia seguinte apresentando o regulamento e a dinâmica de trabalho. A presidência fora composta pelos cardeais Sodano (Secretário de Estado), Nicolás de Jesús López (arcebispo de Santo Domingo e presidente do CELAM) e por Dom Serafim Fernandes de Araújo (arcebispo de Belo Horizonte). Os secretários gerais eram Dom Damasceno Assis (secretário do CELAM) e Dom Jorge Medina (Chile),

nomeado por Roma. À diferença de Medellín e Puebla, os representantes do Vaticano estavam diretamente presentes na presidência.

O regulamento concedia também plenas faculdades à presidência, sobretudo no concernente à nomeação das comissões de coordenação, redação, assuntos jurídicos, e elaboração das mensagens. Neste ponto, manifestou-se, por parte dos bispos, o desejo de que também pudessem participar das nomeações das comissões, sugerindo alguns nomes. Isto foi aceito. O presidente da comissão de redação foi Dom Luciano Mendes de Almeida, que iria exercer um papel importante em Santo Domingo, como já o fizera em Puebla.

Porém a disputa maior girou em torno do eventual documento final: devia ser documento ou conclusões? A questão não era meramente verbal. "Documento" significava que a Assembléia elaboraria seu texto, que, embora fosse apresentado a Roma, seria dela mesma. "Conclusões" significava que a Assembléia não produziria um texto, mas que era como que um Sínodo consultivo do Papa, para que este logo publicasse seu próprio documento, como nos Sínodos romanos. Se a isto acrescentarmos que, quando um bispo disse que falava em nome de sua Conferência Episcopal, a presidência lhe replicou que ele ali estava só a título pessoal, se compreenderá que algo de fundo estava em jogo.

A IV Assembléia viveu uma tensão constante entre duas concepções eclesiológicas diversas: uma, representada pela Comissão para a América Latina (CAL), propensa a uma centralização por parte da Cúria Romana; e outra, representada pelos bispos da América Latina, e de certa forma pelo próprio CELAM, que defendia a autonomia e a legitimidade das Conferências Episcopais, em nível nacional e continental, como exercício da colegialidade episcopal.

Como disse o cardeal Aloísio Lorscheider numa entrevista à imprensa, Santo Domingo pretendia ser uma assembléia não romana, mas latino-americana, ou seja, exercer o princípio da subsidiariedade, já proclamado por Pio XII. E tudo isto dentro da comunhão católica e na obediência fiel ao Papa.

No entanto, ao longo da Assembléia, as pressões do grupo da CAL e da Cúria foram muito fortes. Se no Vaticano II se teve a impressão de que a periferia dominara o centro, em Santo Domingo a impressão foi contrária.

Quatro conferências magistrais

Na apresentação da dinâmica da Assembléia, os bispos questionaram a manutenção de quatro conferências magistrais que constavam no programa. Para se ganhar tempo, pediam a entrega de um texto escrito. No entanto, a presidência não atendeu à petição. As quatro conferências foram proferidas por Dom E. Karlic (Argentina), sobre "Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre"; por Dom Lucas Moreira Neves (Brasil), sobre "Nova Evangelização"; pelo padre jesuíta J. L. Alemán, sobre "Promoção humana"; e pelo Dr. Juan de Dios Vial Correa (Chile), sobre "Cultura cristã".

Sem entrar agora no conteúdo de tais conferências (muitos bispos e cardeais dormiram placidamente em algumas delas), convém destacar o sentido das mesmas no processo de Santo Domingo.

Desde que o Papa, há nove anos, anunciou o evento de Santo Domingo, houve uma longa preparação para o mesmo. Como meio de ajuda às diversas igrejas, publicou-se o texto *Elementos para uma reflexão pastoral*, que desencadeou um longo trabalho nas bases eclesiais, recolhido na *Relatio Prima*. Depois o CELAM publicou o *Documento de Consulta*, que também foi refletido nos diferentes países, e suas contribuições críticas recolhidas na *Relatio Secunda*, realmente muita rica e corajosa. Mais tarde o CELAM, em vistas à Assembléia, emitiu o *Documento de Trabalho*, mais pobre que a *Relatio Secunda*, mas com elementos positivos.

Pois bem, em Santo Domingo, nenhum destes materiais entrou em consideração oficial. Em seu lugar houve quatro conferências magistrais para orientar a opinião dos bispos, e somente a de Alemán aludiu ao Documento de Trabalho.

A que se deve tal preterição? É casual ou, antes, o reflexo da tensão eclesiológica que perpassava Assembléia de Santo Domingo? Com que critério escolheu-se esses conferencistas, e não outros?

Ademais, tais conferências supuseram um gasto do tempo, que se sentiu faltar no final da Assembléia.

O trabalho nas comissões

Desde o dia 14, pediu-se à Assembléia um elenco de temas para serem estudados em comissões especializadas de trabalho. A Assembléia falou sobre muitos temas, e logo a comissão de coordenação apresentou um elenco dos principais, que foi aprovado. A partir de então começou-se a trabalhar em 30 comissões especializadas sobre os seguintes temas: Preâmbulo; Realidade histórica; Santidade na Igreja; Profetismo; Família e demografia; Comunidades eclesiais; Paróquia; Igreja Particular e Movimentos Apostólicos; Vida consagrada; Ecumenismo; diálogo inter-religioso; seitas e novos movimentos religiosos; Celebração; Os leigos na Igreja e no mundo; O ministério ordenado: bispos, comunhão pastoral, formação permanente dos sacerdotes; A promoção das vocações sacerdotais e religiosas, e a formação nos seminários e casas religiosas; A Igreja missionária para dentro e para fora; A ética; A infância, a adolescência e a juventude; A mulher; O trabalho; Migrações e mobilidade humana; Pobreza e empobrecimento; Economia, nova ordem internacional, economia de mercado; A terra; A ecologia; Democracia, Igreja-Estado; A integração latino-americana e mundial; Os direitos humanos; Unidade e pluralidade de culturas: culturas indígenas, afro-americanas e mestiças; Educação; Secularização e indiferentismo; Nova cultura (modernidade e pós-modernidade) e cultura urbana; Comunicação social e cultura.

Os bispos trabalhavam nas comissões por eles escolhidas. Tal trabalho se realizava fora do espaço de San Pablo, na Universidad Católica Madre y Maestra, o que supôs novos deslocamentos e perda de tempo.

Novamente constatamos algo surpreendente: o trabalho prévio realizado durante anos, o próprio Documento de Trabalho não contavam. Partia-se da estaca zero, tinha-se de elaborar novos temas, formar novas comissões, nas quais os bispos e demais participantes deviam começar a elaborar novos textos. Porém, apesar de tudo, os bispos trabalharam a gosto em suas comissões, e os sacerdotes, leigos e religiosos participaram ativamente.

Outro dado que não passou despercebido aos observadores foi que a linha mais curial concentrou-se nas comissões de tipo teológico e eclesial, concretamente: Proêmio, História, e Vida consagrada. Mais tarde membros religiosos membros da Conferência dirigiram uma carta à presidência, queixando-se da pobreza de sua contribuição, que não refletia a vida religiosa da América Latina. Entre os que assinaram esta carta estava o próprio Dom Hector Julio López Hurtado, delegado pontifício para a CLAR. A comissão sobre o Proêmio constituiu-se, de fato, numa espécie de comissão teológica de toda a Assembléia.

Aprova-se um esquema de documento

Dom Luciano Mendes de Almeida, um jesuíta carioca, que após ter tido cargos de docência e responsabilidade em sua ordem foi eleito bispo, e atualmente é presidente da Conferência Episcopal do Brasil, apresentou uma hábil questionário aos bispos, de que se manifestassem sobre o tipo de documento desejado e sobre um possível esquema. Tratava-se de um documento cristológico, que se iniciaria com uma profissão de fé, e que articularia os temas das comissões sob os lemas da IV Assembléia.

O esquema geral constava de quatro partes:

1. Jesus Cristo, Evangelho do Pai.

(As comissões de Proêmio e História agrupar-se-iam sob este primeiro capítulo)

2. Jesus Cristo, evangelizador vivente em sua Igreja (Sob o signo de Maria).

(Agruparia as comissões em torno à Nova Evangelização, Promoção humana, e Cultura cristã)

3. Jesus Cristo, vida e esperança da América Latina.

(Trataria das opções pastorais prioritárias)

4. Súplica da América em horizonte escatológico.

A proposta foi aprovada, seja por causa do prestígio de Dom Luciano, com fama de inteligente, prudente e santo, seja porque deu segurança aos bispos. Ao

mesmo tempo ficava aprovado que haveria um documento final (não simples conclusões). Porém a pergunta é: quem elaborou este esquema de documento, e por que o mesmo não foi discutido mais amplamente.

Visita às paróquias dominicanas

Aos domingos, os bispos visitaram várias paróquias da capital e do interior. Estive com os bispos brasileiros Dom Mauro Morelli e Dom Angélico, que foram à paróquia de Guachupita, na região de Ciénaga.

A capital dominicana dá impressão de riqueza e abundância, com grandes avenidas, muito tráfego de veículos, mansões, comércio luxuoso, hotéis turísticos, calçadas à beira-mar... Porém seus bairros são de uma pobreza e amontoamento desumanos.

Ciénaga é um bairro pobre junto ao rio e está com ordem de despejo. Aí a comunidade cristã de San Martín de Porres preparou um sociodrama para os bispos, no qual se refletia a situação do bairro: fome, corrupção, falta de moradias e segurança, problemas de saúde e educação... Depois pediram-lhes para que fizessem chegar à IV Assembléia suas preocupações e esperanças, seu clamor de gente pobre, simples, desempregada, desprezada, tratada como lixo, que apoiassem as CEBs... E agradeceram-lhes pela visita, pois era a primeira vez que um bispo os visitava...

Dom Mauro e Dom Angélico reconheceram no povo de Ciénaga o mesmo rosto sofrido do povo de suas dioceses brasileiras: rosto de fome, curtido, triste, envelhecido prematuramente... acolheram com muito carinho as petições desta comunidade e comprometeram-se a levá-las à Assembléia. "Vocês nos evangelizam, aprendemos mais hoje do que em muitos dias de conferências magistras na Assembléia. Coragem, o Senhor está em vocês..."

A crise do dia 22

De repente propaga-se um certo mal-estar na Assembléia, e os bispos começam a tomar consciência da situação real dos trabalhos. A primeira redação do Proêmio cristológico é muito criticada pelos bispos, e propõem-se 700 emendas ou acréscimos. O trabalho da comissão sobre a história é rechaçado pela Assembléia. Os bispos quase não têm tempo para ler os textos redigidos e apresentados pelas comissões, e sobre os quais têm de votar parágrafo por parágrafo. Há descontentamento e preocupação em relação ao documento que se está produzindo. Alguns bispos advogam um texto muito mais breve, sem repetições desnecessárias, enquanto outros não desejam encurtá-lo. A presidência se reúne, e novamente Dom Luciano atua como conciliador: pergunta à Assembléia se deseja um texto mais breve e de mais impacto; pede uma espécie de voto de

confiança ou de bênção para que a comissão de redação possa realizar as modificações necessárias. Entra-se em tempo de recesso. À pergunta sobre um texto mais reduzido, a votação recolhe 117 votos sim, 15 não, e 11 *iuxta modum*. A Assembléia aplaude. À noite, na capela do Seminário, há uma Hora Santa pelo êxito da Assembléia.

Superou-se a crise? Foi positivo o voto de confiança à comissão de redação, ou Dom Luciano foi "utilizado"? O texto foi drasticamente reduzido, e em muitos aspectos ficou muito empobrecido, sobretudo na parte referente à Promoção humana. Somente a comissão sobre a família não foi abreviada: casualidade, ou influxo de López Trujillo?

Enquanto isso, Dom Luciano repete sua frase famosa: "Deus é grande, meu irmão".

A petição de perdão

Desde o início um grupo de bispos desejava que houvesse um ato público de petição de perdão pelos pecados cometidos no tempo da conquista e da primeira evangelização. Alguns propunham um jejum penitencial. Porém sempre havia resistência. Uns diziam que o Papa já tinha pedido perdão aos índios e afro-americanos no encontro que tivera com os mesmos. Outros criticaram a mitologia do paraíso indígena e dos 500 anos de resistência. Alguém disse, inclusive, que os índios deviam pedir perdão por terem matado missionários. Outros temiam que as seitas manipulassem este ato de perdão.

A proposta de uma eucaristia solene de petição de perdão, a ser realizada na catedral, encontrou dificuldades por parte do próprio cardeal de Santo Domingo.

Neste clima tenso, surge a notícia de que o Papa, na audiência de quarta-feira, dia 21, em Roma, tinha dito que a Igreja não cessava de pedir perdão aos índios e escravos negros pelas injustiças cometidas durante a colonização. O texto do discurso papal, na edição oficial italiana, foi distribuído aos participantes da Assembléia. Já ninguém se atreve a negar o pedido de perdão. Decide-se que na eucaristia de sexta-feira, dia 23, pedir-se-á perdão. Preside-a o cardeal Suquia de Madrid. Há petições de perdão, porém a homilia é genérica e abstrata. Os dois cardeais da presidência não participam da eucaristia. Os participantes convidados (jornalistas, leigos...) ficam desiludidos e, inclusive, escandalizados. Alguém comenta: "A Academia Sueca parece mais sensível à problemática indígena e negra do que a Igreja..."

Nem mesmo se aprova que Rigoberta Menchú, prêmio Nobel da Paz, possa visitar a Assembléia. Os bispos da Guatemala enviam-lhe uma mensagem de felicitações:

"Em você vemos justamente reconhecido o valor de milhares de homens e mulheres indígenas." "Você tem uma enorme responsabilidade histórica, pois

também representa milhares de guatemaltecos que selaram com o próprio sangue a busca da justiça e da paz.”

Alguns bispos aderem, assinando um texto de felicitações. Outros, ao contrário, apresentam a proposta de adesão a Madre Teresa de Calcutá. As duas mulheres representam dois estilos diversos de testemunho cristão.

Enquanto isso, grupos de base dominicanos lançam a idéia de uma eucaristia de petição de perdão para quarta-feira, dia 27, na praça Bartolomé de Las Casas, junto ao convento dos dominicanos, de onde ressoou o célebre sermão de Antonio de Montesinos. Os bispos são convidados. No entanto, o cardeal de Santo Domingo adverte-os para que não se deixem manipular por uma convocação, cujos interesses não são evangélicos. Às 8 horas da noite a praça está cheia de cristãos dos bairros populares; sacerdotes negros concelebram, há um sacerdote indígena, alguns dominicanos e alguns espanhóis. Chegam também dois bispos ligados com os negros e com os índios. Inicia-se ouvindo o sermão de Montesinos, que ainda tem atualidade. Entrementes, vários membros da polícia secreta interrogam alguns dos que participam da cerimônia. Quem os enviou? As comunidades de base lêem uma carta à IV Assembléia:

“Somos os mais pobres da Igreja de Deus, ou seja, os que nestes 500 anos suportaram a maior exploração; por isso esperamos que a Nova Evangelização denuncie as situações que negam a Deus, nos oprimem e nos arrebatam o dom da vida, e que anuncie a Boa Nova de Jesus: o Reino de Deus prenhe de justiça, amor, igualdade, solidariedade, fraternidade e paz (...) Esperamos que reforcem a opção pelos pobres (...) Esperamos que os processos participativos sejam estimulados no interior da Igreja. Especialmente o das mulheres: como são maioria, que participem mais ativamente. Também esperamos que haja mais participação dos jovens, camponeses e negros nas tomadas de decisão (...) Pedimos ao Espírito para que flua na IV Conferência e vos ilumine em vossas reflexões, a fim de que nossa Igreja latino-americana saia fortalecida.”

Pede-se perdão aos negros, aos índios, às mulheres; os descendentes dos brancos se ajoelham, há emoção, experiência de uma Igreja viva, evangélica, reconciliada.

O serviço de imprensa

Para esta Assembléia, o serviço de imprensa do CELAM estava instalado no hotel Dominican Fiesta. Um grande número de jornalistas credenciados lotava seus saguões. Mas os boletins oficiais resultavam insossos e pouco expressivos, da mesma forma que muitas conferências de imprensa, demasiadamente oficial. Muitos jornalistas escreveram uma carta, solicitando a presença de alguns bispos para as entrevistas coletivas. O veterano jornalista Gary Mc Eoin, que atuou como repórter no Vaticano II, Medellín e Puebla, queixou-se amargamente da má relação das autoridades eclesiais com os meios de informação.

Mais informação davam os serviços alternativos, como o SEC (Servicios Especiales de Comunicación), Amerindia Información, etc.

Pelo final da conferência multiplicaram-se as intervenções episcopais, os comunicados, as entrevistas coletivas, as informações:

Num debate televisivo com empresários, o cardeal Arns, de São Paulo, postula uma economia de participação e mais socializada e uma ética solidária; sabe-se que, na oração da Assembléia, tanto Dom Bambaren (Peru) como Dom G. Flores (Guatemala) evocaram a memória de Dom Romero; os economistas e sociólogos Javier Iñiguez (Peru), Javier Gorostiaga (Nicarágua) e L. A. Gómez de Souza (Brasil) falam das tendências e alternativas na atual situação sociopolítica da América Latina; Dom Luna (Equador) e Dom Camino Vial (Chile) reconhecem o valor da Teologia da libertação para a Igreja da América Latina; Dom J. Terrazas (Bolívia) desafia os dogmas da economia neoliberal; Giancarlo Zizola (Itália) publica suas reflexões sobre as tensões entre a ala neoconservadora e a Igreja dos pobres em Santo Domingo; Dom M. Morelli (Brasil) pede muita abertura para os ministérios na Igreja; Ana Maria Tepedino, teóloga e mãe de família, expõe sua opinião sobre a mulher...

A vertigem dos últimos dias

O tempo corre rapidamente, e parece não ser suficiente para o trabalho que ainda falta. Examinam-se as propostas de opções pastorais. Os pobres, os leigos, a vida e a família, a evangelização da cultura, aparecem como as mais constantes. Rejeitam-se as quatro mensagens apresentadas, e pede-se sua unificação; rechaça-se uma mensagem especial para as famílias. Há uma nova redação de todo o texto. Textos alternativos são introduzidos na Promoção humana, e muitas correções. Uma grande quantidade de emendas inunda a mesa da comissão de redação. O número de redatores aumenta. Reelabora-se a mensagem, redigem-se as opções prioritárias, que ficam concretizadas da seguinte forma: leigos, jovens, pastoral vocacional, catequese, liturgia, opção pelos pobres, vida e família, cultura urbana, culturas indígenas e afro-americanas, ação educativa, comunicação moderna. Ainda surgem novas emendas.

Citam-se pelos corredores (a informação oficial à imprensa foi muito deficiente) alguns dos autores principais de algumas partes do documento: o Proêmio esteve sob a responsabilidade de Dom Antonio Moreno e de Maximino Arias (ambos do Chile), a História, sob a direção de J. I. Saranyana, do Opus Dei (Espanha), a Nova Evangelização, sob Octavio Ruiz, da Doutrina da Fé, a Promoção Humana, sob Ovidio Pérez (Venezuela), e a Cultura cristã, sob Lozano.

No dia 28, antes da missa de encerramento, aprova-se, sem votos contra, o texto definitivo. São 84 páginas, mais a mensagem final. O cardeal Sodano compromete-se a que o Papa o assine em 15 dias. A eucaristia na catedral encerra o evento eclesial.

Os bispos se dispersam, o aeroporto enche-se de prelados, carregando consigo os textos, uma imagem de Nossa Senhora de Guadalupe e os brindes dominicanos. Em Miami ainda compram brinquedos para os sobrinhos e lembranças para os amigos. Depois os aviões vão dispersando-os por todas as partes da América Latina.

Linhas de fundo do documento de Santo Domingo

Não é fácil resumir em poucas palavras as linhas de fundo do documento em sua versão atual.

Porém, através deste longo percurso, já se podem entrever alguns de seus acentos.

A linha teológica dominante, expressa no Proêmio, História e Nova Evangelização, e também nas introduções, reflete um pensar teológico diferente da teologia latino-americana dos últimos anos. Aparece uma teologia mais dedutiva, abstrata, desencarnada, pouco atenta à história. O método ver, julgar e agir, desapareceu completamente do documento. Inicia-se pela iluminação teológica, e logo se passa aos desafios e opções pastorais.

Isto tem conseqüências em todos os âmbitos: a cristologia está mais centrada nos textos paulinos do que nos sinóticos e inclusive corre o risco de ser fundamentalista. Alguém comentava que teria sido mais coerente tê-la escrito em latim.

A eclesiologia faz da Igreja o centro de tudo, com o risco de um nítido eclesiocentrismo. Algumas pessoas diziam que é como o farol de Colombo: ilumina tudo, porém parece não ter necessidade de receber luz de ninguém. Está mais próxima da eclesiologia da Nova Cristandade do que da eclesiologia do Povo de Deus. A partir desta ótica compreende-se que todo o tema da Nova Evangelização tenha uma marca muito forte de conquista e dominação, como se se tratasse de uma nova cruzada. Isto se manifesta no pouco espírito ecumênico. Estiveram a ponto de excluir das comissões os convidados não-católicos.

A pneumatologia está muito identificada com a Igreja, e sobretudo com a hierarquia, como se o Espírito não tivesse sido derramado sobre toda a carne. A própria noção de Reino está muito debilitada. A ausência da pneumatologia afeta tanto a cristologia (com o risco do cristomonismo) como a dimensão trinitária.

Há como que um desejo de silenciar temas e acontecimentos que têm marcado a vida da Igreja latino-americana nestes últimos anos: a leitura popular da Bíblia, o ressurgir das CEBs, o martírio, a caminhada da Vida Religiosa, a Teologia da libertação. Inclusive o próprio AT quase não aparece em todo o texto.

Parece que se quer voltar a uma teologia mais tradicional, mais segura, menos suspeita, sem mediações, mais espiritual, ligada mais ao tema da reconciliação do que ao da libertação, que desaparece totalmente. Como disse o cardeal Quarracino, a teologia da libertação já passou.

Esta linha teológica reflete o momento eclesial presente, e manifestou-se em todo o processo de preparação de Santo Domingo, do qual faz parte a própria intervenção na CLAR.

No entanto, ficar por aqui seria miopia. Mesmo sendo verdade tudo o que foi referido acima, o documento é de muita riqueza e abre amplas perspectivas no imenso campo da promoção humana e da cultura. A opção pelos pobres é reafirmada e ilumina toda a Nova Evangelização, seguindo o exemplo de Jesus.

Não se trata somente de dizer que os temas dos pobres, migrantes, mulheres, economia, terra, direitos humanos, ecologia, trabalho, democracia, culturas indígenas e afro-americanas interpelam a Igreja a partir do ponto de vista social e cultural, mas que estes mesmos capítulos possuem uma teologia, implícita, muitas vezes, e explícita, outras, de grande profundidade.

Formulado de outra maneira, não são a mesma coisa a cristologia e o seguimento de Cristo, a eclesiologia e a vida da Igreja, a pneumatologia e a vivência e experiência do Espírito.

Se até agora em Medellín e Puebla havia certa coerência entre a vivência do seguimento de Jesus na América Latina e a cristologia, entre a experiência da Igreja e a nova eclesiologia, entre a nova espiritualidade e a pneumatologia, agora há como que um certo hiato: a experiência e a práxis eclesial continuam sendo ricas, há mártires, a vida religiosa vive momentos evangélicos, há comunidades de base e uma nova espiritualidade, ainda que isto não se reflita nos textos. Santo Domingo é mais do que um documento escrito, e o próprio documento, como já ocorrera em Puebla, é mais rico em capítulos concretos do que na parte da teologia oficial.

Por outro lado, as opções pastorais, embora dispersas, recolhem a linha de Medellín e Puebla sobre a opção pelos pobres, que se mantém como opção evangélica que ilumina tudo. Deve-se reler todo o documento a partir da promoção humana e da cultura.

Novidade de Santo Domingo

Onde residiria o aspecto novo de Santo Domingo? Evidentemente não é nenhuma novidade partir da fé, nem que o centro seja Cristo, ainda que em Santo Domingo tal ponto fique mais explicitado e professado.

Não é nova a opção pelos pobres, já afirmada nas Assembléias anteriores. A novidade é que estes pobres são vistos com novos rostos: empobrecidos, excluídos, jovens sem futuro, crianças perseguidas, mulheres, trabalhadores, migrantes, indígenas e afro-americanos, povos sem-terra e com os direitos humanos conculcados. Todos eles são novos atores sociais no mundo de hoje, vítima do neoliberalismo.

Não é novidade que a Igreja deva evangelizar, mas sim o surgimento de novos sujeitos eclesiais: os leigos, os jovens, as mulheres, os indígenas e afro-americanos, a família.

Porém há uma identidade quase que total entre os novos atores sociais pobres e os novos sujeitos eclesiais. Isto significa que os próprios pobres começam a ser sujeitos da Igreja, e que está emergindo a Igreja dos pobres, sonhada por João XXIII e pedida por João Paulo II.

Esta pluralidade de rostos e sujeitos implica que a ação eclesial deve incorporar a dimensão cultural. Não basta falar do "pobre", deve-se falar do "diferente". A cultura se converte em algo importante na Nova Evangelização. Não bastam as mediações socioanalíticas: é necessário incorporar as mediações culturais e antropológicas.

Em nível eclesial reafirma-se, implicitamente, a importância das Igrejas locais e da própria colegialidade latino-americana, que sai reforçada de Santo Domingo. Celebrou-se uma Assembléia latino-americana, não um sínodo romano.

Seguramente a experiência eclesial de Santo Domingo foi maior do que a refletida no documento conclusivo. A mensagem final de Santo Domingo evoca a passagem de Emaús, que simboliza a experiência desta IV Assembléia. Como os dois discípulos de Emaús, os bispos retornam a suas Igrejas locais com mais esperança na força do Espírito, com maior ardor em seus corações, confirmados na fé pelos próprios irmãos bispos e pelo bispo de Roma, e dispostos a anunciar com alegria a Boa-nova do Reino, especialmente aos pobres, com uma inculturação do Evangelho nas diferentes culturas.

Santo Domingo pode ser lido e "recebido" nas Igrejas locais a partir de uma práxis já existente. Santo Domingo já começou há tempo, e o processo deve prosseguir.

Os fiéis de suas Igrejas receberão com o coração alegre tudo que foi proposto em Santo Domingo, com uma penetração que ultrapasse esquemas teológicos concretos. A fé dos fiéis é mais sábia do que os lábios dos bispos, diziam os Padres da Igreja. E Santo Hilário de Poitiers escrevia: "Os ouvidos dos fiéis são mais santos do que os corações dos sacerdotes" (PL 10,613).

Víctor Codina S.J. é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Durante 18 anos foi catedrático de Teologia Espiritual e dogmática na Faculdade de Teologia de Barcelona (Espanha). Desde 1982 reside na Bolívia. Trabalha na formação teológica de leigos e clero. Entre suas obras, destacam-se: *Vida Religiosa: história e teologia* (juntamente com Noé Zevallos) (Petrópolis: Vozes, 1987); *Sacramentos de iniciação: água e Espírito de liberdade* (juntamente com D. Irrarázaval) (Petrópolis: Vozes, 1988); *Parábolas de la mina y el lago: teología desde la noche oscura* (Salamanca: Sígueme, 1990); *Para comprender la eclesiología desde América Latina* (Estela, Navarro: Verbo divino, 1990).

Endereço: Casilia 319 — Santa Cruz de la Sierra - Bolívia